

HISTÓRIAS DAS VOVÓS, PRECIOSOS ACERVOS: MEMÓRIAS FAMILIARES ENLAÇADAS A CONTEXTOS DA HISTÓRIA DO BRASIL

GRANDMOM'S STORIES, PRECIOUS COLLECTIONS: FAMILY'S MEMOIRS LINKING TO CONTEXTS OF THE HISTORY OF BRAZIL

Raquel Borges Salvador
kelborgessalvador2@gmail.com
Edylane Eiterer
edylaneeiterer@yahoo.com.br

Resumo: Esse artigo noticia relato de experiência sobre projeto de leitura, com o livro de literatura infanto-juvenil *Os Tesouros de Monifa*, de Sonia Rosa, que aborda a preservação de registros deixados por uma matriarca africana para suas futuras gerações. As atividades desenvolvidas a partir desse livro, com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, teve como objetivos reconhecer a Cultura Africana como elemento importante de nossa história, perceber as mulheres antepassadas como construtoras de acervos familiares e históricos, e conhecer os próprios acervos familiares como preciosas fontes históricas.

Palavras-chave: Acervos Familiares, Cultura Africana, Gênero, Interseccionalidade, Literatura

Abstract: This article notices experience report about reading project, with a youth literature book *Os Tesouros de Monifa*, of the Sônia Rosa, whose theme is the preservation of the records left to an African matriarch for her future generations. The developed activities, as of this book with a class of the 5º school year of the Elementary School, had as its objectives recognize the African Culture as an important element of the our history, perceive women ancestors as a building of the family and historical collections, and know the own family's collections as precious historical sources.

Keywords: Family's Collections, African Culture, Gender, Intersectionality, Literature

Introdução

O artigo aqui tecido expõe relato de experiência em projeto de leitura, desenvolvido na Sala de Leitura/Biblioteca de uma escola pública do município de Juiz de Fora/MG. Esse trabalho se apropriou de um livro de literatura infanto-juvenil cuja personagem principal é uma matriarca africana, escravizada, que resistiu à opressão através de uma carta, poemas, receitas e rezas, que foram passadas de geração em geração.

Os registros dessa matriarca são percebidos e sentidos pelas suas atuais descendentes como símbolos de resistência, luta e testemunhos de um período rude e amargo para os povos africanos, violentados em sua liberdade e humanidade. O título do livro trabalhado, “Os Tesouros de Monifa”¹, traz o nome da protagonista, enfatizando a importância de seus escritos como porta-vozes de uma época que precisava ser registrada pela vivência de uma testemunha que resistia a opressão de um sistema escravocrata.

Compreendemos, ainda, que tal material paradigmático apresenta elementos em sua narrativa que corroboram para a valorização de acervos familiares que podem constituir importantes fontes históricas, tanto particulares, quanto locais e nacionais. Enquanto fontes ajudam na construção da consciência histórica e crítica de alunas e alunos, seja no que diz respeito ao conhecimento de suas memórias e meios de registro, seja para se preservar os mais diversos relatos, escritos e orais, considerando-os acervos preciosos e peças relevantes de patrimônio cultural.

Assim, a exposição das histórias de pequenos núcleos familiares e locais podem representar fontes valiosas que tecem e desenham um contexto histórico mais abrangente, sendo, nesse prisma, fundamental olhar e questionar a escola e seus currículos como elementos a viabilizar o conhecimento dessas histórias particulares.

O exercício é o de buscar uma metodologia que efetive o papel da escola, principalmente no ensino de História, a se aproximar da realidade dos alunos, o que desloca nossos olhares para além dos conteúdos, pois “está relacionada aos tipos de educação que se promove e aos espaços em que elas devem acontecer”. (EITERER, 2016, p.149).

Ao discutirmos sobre a tomada de acervos familiares como possibilidades de se constituírem fontes de determinados períodos da história, peças componentes de patrimônios históricos, cabe ressaltar “que os novos contornos assumidos pela categoria patrimônio necessitam abarcar demandas sociais a ela vinculadas, exigindo a ruptura com os paradigmas clássicos preservacionistas” (PELLEGRINI, 2016, p.237), exercendo a cidadania na escola.

Assim, registros escritos, fotos, ilustrações representam olhares e narrativas de sujeitos de outras épocas, testemunhas e agentes de fatos passados, resistentes de sistemas culturais, sociais e políticos, cujas vivências pessoais podem significar um importante recorte da história de uma região e até mesmo de uma nação. Acervos familiares, então, podem ser compreendidos como elementos que tecem um patrimônio cultural.

¹ ROSA, Sonia. **Os Tesouros de Monifa**. São Paulo: Brinque-Book, 2009

É relevante salientar também a importância que a temática de gênero refletiu na experiência vivida na Sala de Leitura, pois ao ter como figura central uma matriarca africana, cujos escritos foram herdados por sua tataraneta mais velha, é possível enxergar como o universo feminino é constante não só no contexto do livro e suas personagens, mas também em sua autoria e ilustração que são de duas mulheres. O debate das relações de gênero, hierarquizadas e interseccionalizadas a outras categorias, serão aqui explanadas com o propósito de delinear o que foi o projeto, no que tange a levar representatividade e protagonismo para as meninas negras.

A partir do tema ligado às memórias e patrimônio cultural, outro objetivo floresceu: reconhecer mulheres e meninas como sujeitos/agentes da história, principalmente as mulheres negras, escravizadas e invisibilizadas em suas culturas, saberes e vivências. A autora Sonia Rosa² expõe uma família de mulheres de três gerações, que guardam e cuidam dos escritos de sua matriarca como tesouros, pois tais registros relevam os sentimentos, anseios e conhecimentos dessa antepassada, e expõe a opressão sofrida por ela, bem como sua forma de resistir e deixar seu legado.

Há aqui um envolvimento com a afetividade e com as relações familiares fundamentais para se lidar com as memórias e as noções de identidade e pertencimento, alocando cada aluno a seu lugar e à sua função dentro de um grupo, escola e a uma comunidade, objetivo fim de se consolidar a identidade, segundo Bauman (2005).

Como já mencionado, e na pretensão de destacar uma obra infanto-juvenil cujas protagonistas são mulheres negras de gerações diferentes em uma mesma família, é preciso considerar o gênero e a etnia. Também compreender a intersecção entre essas categorias como fator relevante nesse trabalho, a fim de ter outros olhares para fora da ótica hegemônica, branca, masculina e heteronormativa como única possibilidade de fonte histórica. Cabe, então, destacar Joan Scott (1995, p. 86), que define gênero como um elemento constitutivo de relações sociais que se pauta nas diferenças entre mulheres e homens e, ainda, uma forma de dar sentidos as relações de poder. Além de expor as hierarquizações nas relações de gênero, é necessário conhecer quais outras categorias, interseccionalizadas com esta, são mais atingidas com variadas formas de violência.

Definindo interseccionalidade, Crenshaw (2002, p.1770) assevera que é uma conceituação do problema que visa capturar consequências estruturais e dinâmicas com a sobreposição de duas ou mais categorias, e que as variadas formas de discriminação, como o

² A autora Sônia Rosa é escritora, contadora de história, professora e pedagoga. Fonte: www.escriitorasoniarosa.com.br/biografia.

racismo, o patriarcalismo e a opressão de classe, ao se cruzarem, criam desigualdades que atingem grupos fora do padrão hegemônico. Por meio dessas intersecções, ainda segundo a autora, é conhecido que sexismo e racismo não são vivenciados da mesma forma por sujeitos diferentes que estejam dentro de uma mesma categoria. Assim, a partir das premissas de Crenshaw (2002), é plausível apontar que a opressão sofrida por mulheres negras é mais profunda em relação a que as mulheres brancas sofrem. Para endossar tal assertiva, é pertinente citar Davis (1981, p. 10), ao discorrer como a escravatura impingiu tratamento desigual entre as mulheres negras e as mulheres brancas, sendo as primeiras duplamente oprimidas, pois a elas não cabia apenas o trabalho doméstico e o papel de mãe cuidadora, mas também trabalhadoras fora de casa, indo na contramão da ideologia de feminilidade enfatizada no século XIX.

Analisando toda essa questão do gênero, interseccionalizado com a raça/etnia, a escola não apenas tem o dever de debater sobre as distinções culturais e sociais impostas a mulheres e homens, que tanto causam hierarquizações e discriminações. Deve se valer de práticas pedagógicas que contribuam para o empoderamento e representatividade das meninas e mulheres negras, dissociando-as dos estereótipos que o período da escravidão impôs.

Trabalhar com livro de literatura infanto-juvenil, cuja autora e todas as personagens são mulheres, tratando de memórias familiares como acervos de suas identidades, contextualizados com um período da própria História do Brasil, é mote para que alunas e alunos reconheçam que a história tem variadas fontes, inclusive as bem particulares. É pertinente argumentar, sob esse ponto, a importância de transversalizar a Literatura com a História a fim de tornar o processo ensino/aprendizagem mais dinâmico. Segundo Ferreira (2010, p. 2), os textos literários são fatos históricos, porque foram escritos por alguém historicamente posicionado e influenciado por aquele determinado momento. O autor ainda afirma que é impossível pensar em textos literários não considerando o contexto histórico em que surgiram.

Nessa perspectiva, cabe destacar que, embora a matriarca protagonista e suas descendentes, fictícias, tenham sido criadas por uma escritora contemporânea, essa mesma autora se posiciona diante de um determinado período histórico, trazendo à tona as mazelas da escravidão e das violências perpetradas em tal sistema. A partir do livro, cada aluna e aluno foi instigado, também, a se reconhecer como sujeito histórico, assim como seus familiares antepassados, que deixaram marcas suas memórias em diários, cartas, receitas.

Foi debatido com as alunas e alunos que tal personagem, ali retratada naquela obra literária infanto-juvenil ficcional, tem representação histórica, pois personifica as inúmeras

mulheres reais, escravizadas, que resistiram a um sistema escravocrata, patriarcal e racista. E que suas descendentes, principalmente sua tataraneta que narra a história, pode representar cada menina e mulher negra que ainda resiste a toda forma de preconceito e discriminação. Assim, por meio de uma obra literária ficcional³, se debateu um tema do conteúdo de História do Brasil.

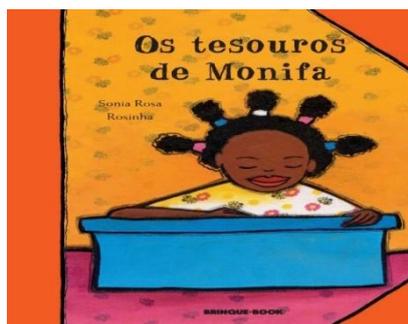
Contextualizado a todas essas questões que abarcam a importância de transversalizar Literatura com História, expondo categorias humanas invisibilizadas como construtoras e formadoras de uma sociedade, é preciso inserir no trabalho pedagógico a valorização de acervos familiares, tratando-os como patrimônios culturais, que compõem um cenário histórico mais amplo. Como assevera Eiterer (2016, p. 150), a educação patrimonial tem desenvolvido atividades para abarcar temas como a diversidade social, cultural e étnica, aonde o Patrimônio Cultural é mote para a compreensão da realidade dos alunos e também dos processos históricos componentes da grade curricular.

Dos objetivos traçados a aplicação do projeto: uma proposta de trabalho sobre história, a partir da ótica do gênero, da raça e dos acervos familiares.

Ao ser feita a escolha pelo livro de literatura infanto-juvenil “Os Tesouros de Monifá”, da escritora Sonia Rosa, foram traçados alguns objetivos a serem desenvolvidos com alunas e alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Juiz de Fora/MG, entre maio e junho de 2017. Destacam-se os seguintes objetivos: perceber que histórias e escritos familiares são possibilidades de acervos históricos; reconhecer as mulheres, principalmente as mulheres negras, como sujeitos históricos; conhecer algumas fontes, escritas e orais de alguma antepassada de sua família; associar a história contada no livro trabalhado com o conteúdo do livro didático de História; compreender que há outras formas de acervos históricos que fogem da ótica hegemônica tradicionalmente trabalhada nos livros didáticos; perceber a cultura dos povos africanos como formadora de nossa história e nossos costumes.

³ Importante citar também a obra “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves, ed. Record, 2006. Nesse livro a autora retrata os dissabores de uma menina africana do reino de Daomé, atual Benin, na partida de sua terra, o trajeto no navio negreiro até o Brasil, e aqui suas resistências ao período cruel da escravidão. Tal obra também é relatada em forma de diário.

Imagem 1 – Os Tesouros de Monifa



Capa do livro Os Tesouros de Monifa, de Sonia Rosa. Foto de Raquel Salvador, acervo pessoal.

Traçados tais objetivos, foi iniciado o desenvolvimento do trabalho na Sala de Leitura da escola, por meio de um projeto no qual as turmas têm um encontro semanal de quarenta (40) minutos. No caso da turma do 5º ano, os encontros foram às quartas feiras, iniciando na última semana de maio, juntamente com as professoras regentes, importantes mediadoras das atividades propostas. A turma em questão era composta por meninas e meninos na faixa etária de 9 a 11 anos, com 25 integrantes. O prazo determinado para o desenvolvimento e culminância do projeto foi um mês, tendo sua culminância no final de junho de 2017.

No primeiro dia, o mapa do continente africano (físico e político) foi apresentado para introduzir a proposta de leitura do livro, enfatizando o lugar e as origens da personagem construtora de seu acervo pessoal. Nesse momento, foi enfatizado que a África é um continente extenso, com 54 países, que esses países possuem idiomas, culturas e costumes distintos. Também foi destacado que a colonização europeia que impôs suas línguas oficiais nas Américas, também o fez na África, pois muitos países desse grande continente têm idiomas diferentes. Como exemplo, foram citados Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau com o Português como língua oficial, e citados 4 países que têm o inglês como idioma oficial: Nigéria, África do Sul, Camarões e Madagascar.

Como etapa primeira desse projeto, a partir da exposição um mapa do continente africano, mostrando seus países e sua extensão, foram desenvolvidas conversas informais sobre a importância que seus povos tiveram como construtores de nosso país, e que esses povos também possuíam e possuem acervos relevantes. Destacou-se a resistência desses povos frente a colonização e exploração europeia, fazendo paralelo com a colonização no Brasil, pois se considerou importante ressaltar, durante todo o processo desse projeto, o protagonismo de categorias vulnerabilizadas e invisibilizadas nos livros de História.

Foram consultadas outras fontes, como as enciclopédias da Sala de Leitura, para maiores pesquisas. O mapa da África foi o mote para apresentar o livro e sua personagem principal como construtora de um precioso tesouro para suas futuras gerações, além de mostrar que a África não é um país, e sim um extenso continente com várias nações.

No segundo encontro do mês de maio, partiu-se, então, para a contação de história da personagem Monifa, como sujeito histórico que narra em carta, poesias, rezas, receitas e suas vivências, angústias e resistências de uma época aviltante da História do Brasil. Cabe ressaltar que o projeto propôs uma desconstrução da ótica histórica, ao mostrar, por meio de um livro de literatura infanto juvenil, protagonistas pouco comuns ainda hoje: as mulheres negras. Como discorre Fraga (2016), as narrativas da história e memórias oficiais, locais e nacional, reiteradamente colocaram os homens em posição de destaque, refletindo-se na dificuldade que pesquisadores enfrentam para questionar os silêncios e invisibilidades das mulheres na história.

Ao partirmos para a história do livro, muito se levou em conta na narração o quanto os escritos da personagem título representavam para suas descendentes, e como se encaixavam em um contexto histórico maior, o período da escravidão dos povos africanos, que deixou uma marca profunda e dolorosa na nossa história, mas com lutas e resistências travadas incessantemente por essa população escravizada.

Sob tal premissa, foi de suma importância perceber como uma personagem aparentemente simples, construiu à sua maneira particular importantes elementos que possibilitaram suas gerações futuras a compreensão de sua realidade dentro do Brasil, ressaltando não só o valor dos relatos, mas como é possível partir do micro para o entendimento do macro.

Terminada a etapa de contar a história, foi realizado debate com alunas e alunos sobre o livro e suas interpretações pessoais, enfatizando a importância de reconhecer a cultura e história africanas, e também uma proposta de resgate das memórias das antepassadas familiares dessas alunas e alunos, cujos escritos, seja por meio de receitas, diários, cartas e/ou poesias, fossem reconhecidos como acervos, elementos que retratam um pedaço da história de cada núcleo familiar, contextualizado a um período histórico.

As ilustrações também foram muito relevantes para o desenvolvimento do projeto. Os desenhos da ilustradora eram expostos junto com cada página narrada e comentada. As crianças, em especial as meninas negras, se identificaram naquelas páginas, aonde todas as personagens eram mulheres como elas, ali narrando suas emoções, histórias e experiências de

vida. As representações de Monifa e suas descendentes foram de suma importância para que a ótica eurocêntrica fosse questionada como padrão principal de construção histórica.

Imagem 2- ilustração de Monifa e suas descendentes



Foto de Raquel Salvador, acervo pessoal.

Uma atividade relevante, ainda nesse segundo encontro, foi a leitura da carta⁴ da personagem central, Monifa. Nessa correspondência, a matriarca conta como aprendeu a ler e a escrever a língua da nova terra, a importância da leitura e escrita e que escrever é uma forma de se anunciar ao mundo, de existir e resistir ao sofrimento. Vimos nesse texto, que ocupa duas páginas do livro, uma importante ferramenta para se trabalhar o gênero carta⁵, o estímulo à comunicação, o incentivo à escrita e uma oportunidade para se confeccionar uma carta através de técnica de envelhecimento de papel, que despertou maior atenção e curiosidade de alunas e alunos.

Considerando a cultura e história africanas, a partir dos registros de uma matriarca, o projeto partiu para sua próxima etapa: trabalhar com a turma os relatos de suas/seus próprias/os antepassadas/os: bisavós e tataravós, reconhecendo tais relatos como acervos familiares. Algumas crianças solicitaram relatos de avós também, pois desconheciam, assim como suas/seus responsáveis, a histórias de membros de gerações mais antigas da família. Cabe destacar que havia na turma meninas e meninos cujas responsáveis eram as próprias avós, residindo junto com essas crianças e passando para elas muitas histórias e ensinamentos.

A escolha por essa técnica artesanal teve como objetivo não só representar um escrito com características antigas, mas despertar a compreensão do quanto é importante preservar documentos das memórias familiares, locais, regionais e nacionais de outras épocas. A

⁴ “[...] Não se esqueçam da nossa história. Não se esqueçam do nosso sofrimento. Mas, principalmente, não se esqueçam da nossa luta. O corpo pode estar preso, amarrado, maltratado, mas as idéias e os pensamentos nunca se escravizam[...]”. Trecho da carta de Monifa às suas futuras gerações.

⁵ Embora não tenha sido objetivo do projeto, foi mencionado que a carta é um meio de comunicação, não tão utilizado atualmente por escrito, devido aos avanços tecnológicos da internet, mas que já fora a principal ferramenta de comunicação.

confeção dos escritos dos familiares e antepassados das alunas e alunos foi realizado no terceiro encontro na Sala de Leitura. As crianças levaram receitas culinárias, de chás, trechos de diários e receitas de sabão caseiro, envelheceram a folha com café solúvel e deixaram secar para, no quarto encontro, transcreverem os acervos de suas famílias e montarem os mapas do Brasil e da África na folha de papel pardo.

A turma foi dividida em grupos, cada qual desempenhando uma parte do trabalho: confecção do mapa do Brasil, confecção do mapa da África, colagem dos mapas e dos acervos em cada mapa. O grupo que transcreveu os escritos de Monifa, os colocou no mapa da África, o grupo que transcreveu os acervos de seus familiares e dos colegas, os colaram no mapa do Brasil. É importante enfatizar que o mapa da África conteve os países que a compõem, além de um poeminha criado pela turma, destacando a diferença entre Brasil enquanto país e África continente.

A exposição dos trabalhos realizados pelas alunas e alunos dessa turma de 5º ano representou a culminância do projeto com o livro “Os Tesouros de Monifa”. Os dois painéis com os mapas e os acervos familiares da personagem título e das crianças ficaram afixados no corredor de acesso para a Sala de Leitura, a sala de aula da própria turma e também para o portão de entrada e saída da escola. Essa exposição se iniciou na primeira quarta de junho, aonde o projeto se encerrou, em parte. Pois as discussões e debates sobre Cultura Africana ocorreram durante todo o ano em outros projetos conjuntos com demais professoras e professores.

As representações de Monifa e suas descendentes, mesmo sendo fictícias, contribuíram para que as crianças negras se sentissem representadas como sujeitos históricos, e os tesouros escritos deixados pela antepassada africana, em folhas amareladas pelo passar do tempo e guardadas em uma grande caixa, puderam ser enxergados como um acervo importante que referencia as vivências de uma matriarca.

Ênfase na cultura africana: Os Tesouros de Monifa como um pedaço da História do Brasil

Foi imprescindível ressaltar no projeto a importância de trabalhar o espaço geográfico, no caso, o continente africano, seus países e seus costumes⁶, expondo a trajetória feita pela

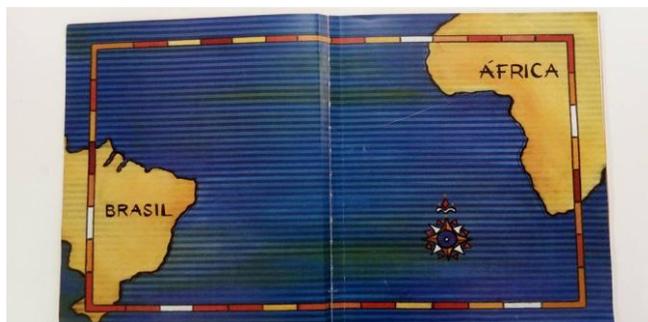
⁶ Como já mencionado nesse artigo, a África hoje é um continente com 54 países reconhecidos pela ONU, e esses têm idiomas europeus como línguas oficiais. Tal fato é uma das consequências da Conferência de Berlim, 1884-1885, acordo entre países europeus que acarretou a colonização e partilha do continente africano, sendo um dos períodos mais violentos da História Contemporânea. Mas houve resistências e lutas dos africanos para manterem sua cultura e costumes. Fonte: www.infoescola.com/historia/partilha-da-africa

personagem da África ao Brasil, com embasamento na lei 10.639/03, que discorre sobre a obrigatoriedade do ensino da Cultura Africana e da História da África, bem como a contribuição do povo negro como construtor de nossa sociedade.

O reconhecimento de seus povos para além do que se construiu sobre eles tradicionalmente, como sujeitos passivos de um sistema opressor, reconhecendo que seus acervos deixados são extremamente ricos, mas ainda não suficientemente e justamente divulgados e conhecidos. Pois, como assevera Castro (2005, p. 6), mesmo significando um avanço a inclusão da história da África nos currículos, é fundamental conhecer de que África se fala, e como as mulheres negras e suas reivindicações são representadas.

Desenvolver a leitura e atividades relacionadas a esse livro de literatura infanto-juvenil no primeiro semestre do ano buscou expandir os trabalhos sobre a Cultura e História da África, a fim de que as alunas e alunos da turma participante conhecessem outras fontes e versões da História do Brasil no período Colônia e Império, no caso, sob a perspectiva da cultura africana.

Imagem 3 – Dois Mundos



Registro do livro “Os Tesouros de Monifa” sobre o trajeto África-Brasil que a personagem-título foi obrigada a fazer. Foto de Raquel Salvador, acervo pessoal.

Cabe ressaltar que o trabalho envolvendo a Lei 10.639/2003 é realizado durante todo o ano letivo na escola campo desse projeto. A equipe pedagógica reconhece a urgência em resgatar o legado que a população africana e afro-brasileira deixou para a formação da nação representa abordar a temática durante todo o ano letivo, não as deixando isoladas apenas no mês de novembro, já destinado a comemoração da Consciência Negra.

Também é preciso destacar que o mês de maio, tradicionalmente lembrado pela abolição, não foi o mote para o projeto, pois as lutas e resistências que a população negra empenhou superam um fato relacionado apenas à assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel.

Os escritos de Monifa, passados de geração em geração, valorizados como tesouros, expõem a outra face da história, negligenciada nos livros didáticos ao longo dos tempos e, pouco a pouco sendo rompida. Então, foi debatido com a turma como seria caso esses materiais didáticos adotados retratassem as reais heroínas negras,⁷ que tanto lutaram contra um sistema escravocrata. Foi questionado também o porquê de seus legados e registros não serem divulgados como importantes acervos, constituindo patrimônios históricos.

Ao comparar a história do livro infanto-juvenil trabalhado na sala de leitura com os conteúdos que geralmente estão nos livros de História do Brasil, foi possível perceber o quanto é necessário que a escola, seja nas salas de aula, salas de leitura e demais espaços, deve viabilizar práticas que tendem a valorizar memórias, registros de família e locais, bem como leituras de livros paradidáticos que abordam as outras faces da história, fora do modelo eurocêntrico, geralmente concebido como parâmetro histórico.

É fundamental que se mantenha um exercício para que a história e cultura dos povos africanos deixem de ser invisibilizadas e/ou representando as/os negras/os negativamente, reparando a dívida para com a população negra, em séculos de racismo institucionalizado, visto que

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negro (CAVALLEIRO, 2006, p.19).

Diante do quadro de silenciamento da história dos povos africanos, destacar a figura de uma mulher negra que expõe suas vivências, também foi de importante para que alunas e alunos reconhecessem que as mulheres negras, invisibilizadas, sempre foram e são sujeitos históricos.

A partir do momento em que são percebidas como construtoras do processo de desenvolvimento familiar, local, regional e nacional, tal reconhecimento empodera as meninas negras no ambiente escolar, despertando nessas alunas a percepção de que também podem ser protagonistas da história, construtoras de acervos que, mesmo particulares, compõem peças importantes de um panorama histórico mais amplo.

⁷Como base para trabalhar as heroínas negras usamos como referência a obra de ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017, que traz a história de grandes mulheres invisibilizadas nos materiais didáticos em uma linguagem simples e ritmada, típica dos cordéis.

Nesse contexto, cabe considerar que mulheres e meninas negras, devido a estigmatização histórica, sempre foram estereotipadas segundo a ótica escravocrata e patriarcal. E para desconstruir essa concepção é urgente, no espaço escolar, desenvolver ações pedagógicas que combatam práticas racistas e sexistas. Que cada professora e professor possa refletir sobre os discursos que reproduz, a fim de olhar a história da África e a representação das mulheres e meninas negras para além do viés escravocrata e racista, institucionalizado no Brasil. Assim, pautando no que aponta Carneiro (2009) é pertinente constatar que

Em síntese, urge que se proponham novas imagens para as mulheres negras brasileiras, que rompam com os paradigmas do passado e com as novas discussões midiáticas em que as imagens das mulheres negras são, à sua revelia, revestidas de vernizes de modernidade, sem alteração na essência dos estereótipos consagrados. (CARNEIRO, 2009, p. 54)

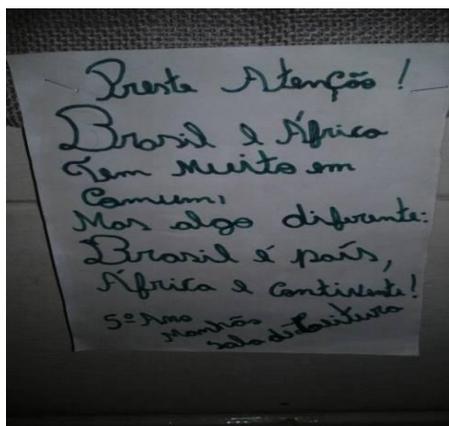
Portanto, esse projeto de leitura, a partir do livro protagonizado por mulheres e meninas negras, e do reconhecimento de nossas histórias particulares e familiares como peças componentes de um cenário histórico e cultural maior, propôs um trabalho pedagógico de desvio da prática cristalizada, aonde prevalece a ótica masculina, branca hegemônica, e esquecidas as mulheres negras e indígenas, escravizadas e oprimidas, cujas resistências e lutas não são, ou são raramente mostradas.

Sobre as vivências do projeto: do acervo de Monifa aos acervos de nossas antepassadas

A proposta de se trabalhar com esses relatos de antepassadas/os, despertou a curiosidade em pesquisar e entrevistar membros da família, cabendo, assim, destacar as considerações de Luchese (2016), ao salientar que “São acervos familiares ou pessoais, acúmulos que potencializam o ensino-aprendizagem da disciplina e podem corroborar com o campo de pesquisa.” (LUCHESE, 2016, p. 8-9). Portanto, é plausível reconhecer que ao buscar fontes, ainda que no âmbito familiar, essas meninas e meninos estão trilhando o caminho da pesquisa, e se construindo enquanto sujeitos autônomos, ao conhecer suas próprias raízes, fazendo dessas acervos tão particulares, componentes de um contexto histórico maior, assim como foram os tesouros de Monifa.

Foi importante destacar o tema do livro em atividade prática, pois, como observado, muitas meninas e meninos desconheciam que África é um continente. Tal questão expõe o quanto a escola precisa voltar seu olhar e suas práticas para promover a História e Cultura Africanas, ainda pouco trabalhadas. Analisar os materiais didáticos que chegam, selecionar os livros que zelam pelas múltiplas fontes históricas.

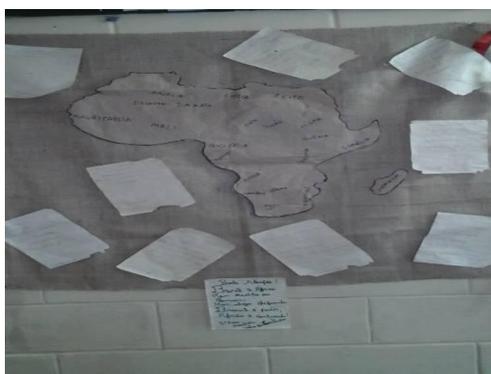
Imagem 4 – Poesia e História



Poema feito coletivamente sobre o continente africano ao longo do desenvolvimento do projeto. Foto de Raquel Salvador, acervo pessoal.

A fase artesanal buscou também trabalhar um pouco da geografia do continente africano, tanto em sua extensão quanto na multiplicidade de culturas e saberes de cada país e região, assim como as diferenças explanadas entre o Brasil e a África, no que tange os conceitos de país e de continente.

Imagem 5 – Mapa da África



Mapa da África, montado por um grupo participante do projeto. Foto de Raquel Salvador, acervo pessoal

Imagem 6 – Mapa do Brasil



Mapa do Brasil, confeccionado por um dos grupos participante do projeto, com alguns acervos familiares de suas alunas e alunos. Foto de Raquel Salvador, acervo pessoal.

Outra relevante observação sobre o projeto de leitura desenvolvido foi a predominância das mulheres como agentes de saberes e informações, na maioria das famílias das crianças dessa turma de 5º ano, que levaram seus registros familiares. Houve uma única exceção, em que um avô deixou uma receita de sabão que passou para suas futuras gerações.

Não há como desconsiderar a participação das mulheres como fontes de saberes e testemunhas históricas, mesmo em uma sociedade patriarcal e escravocrata. Perceber o fator gênero imbricado na construção desses acervos foi uma possibilidade para problematizar a invisibilidade das mulheres no ensino de História, visto que, em contrapartida, elas representaram, no contexto do projeto trabalhado, os principais sujeitos colaboradores dos acervos dessas alunas e alunos. Tomar como exemplos tanto a personagem Monifa, quanto as antepassadas das crianças da turma, foi um mote para a discussão da visibilidade das mulheres e suas intervenções e ações no processo histórico, político e cultural, seja de um núcleo familiar, uma comunidade, ou no âmbito nacional.

Assim, como questionar onde estão as mulheres nos livros didáticos de História, quais são as mulheres retratadas nesses materiais e porque as mulheres negras não estão representadas. Sob esse prisma, é urgente, como referenciam Ferreira e Grisolio (2016),

Incorporar a temática das mulheres e dos gêneros nas aulas de História é importante, não só porque legitima a mulher como sujeito histórico, como também a história passa a ser pensada e reescrita por outros temas, outras narrativas, outras visões, contribuindo com o real papel da História. (FERREIRA; GRISOLIO, 2016, p. 83)

Portanto, é necessário desenvolver atividades que possibilitam a crítica e o questionamento sobre as inúmeras ausências das mulheres no ensino de história, principalmente das mulheres negras, para o enfrentamento as discriminações de gênero e raça, profundamente arraigadas na nossa formação. Questionar não apenas alunas e alunos, mas as próprias práticas, no que tange as mulheres construtoras de acervos familiares que compõem a história de uma nação.

Imagem 7 – Os tesouros de lá e de cá



Painéis com os mapas da África e do Brasil, com os acervos de Monifa e das antepassadas da turma participante do projeto. Foto de Raquel Salvador, acervo pessoal.

Portanto, é necessário desenvolver atividades que possibilitam a crítica e o questionamento sobre as inúmeras ausências das mulheres no ensino de história, principalmente das mulheres negras, para o enfrentamento as discriminações de gênero e raça, profundamente arraigadas na nossa formação. Questionar não apenas alunas e alunos, mas as próprias práticas, no que tange as mulheres construtoras de acervos familiares que compõem a história de uma nação.

O projeto também propiciou o trabalho com várias habilidades. Foram observadas as parceiras, as lideranças e os discursos de desconstruções de óticas eurocêntricas e androcêntricas como verdades únicas e absolutas. Tal afirmação deve-se ao fato das observações dos diálogos, debates e discussões entre as crianças durante todo o desenvolvimento desse trabalho de leitura.

As mediações das professoras também foram fatores preponderantes para o desenvolvimento do senso crítico das meninas e meninos, bem como o despertar do interesse por fontes históricas. O ambiente da Sala de Leitura propiciou buscar em demais fontes que complementaram o trabalho, como mapas e enciclopédias para consultas sobre a geografia, a história, as religiões e idiomas falados nos países africanos, destacando os colonizados pelos portugueses.

Compreender que a população africana deixou uma herança muito mais significativa do que se conhece, e que tais narrativas não podem mais ser encobertas, que houve resistências e enfrentamentos, e muito legado de conhecimentos e saberes é uma tarefa a ser estimulada pela escola através dos vários espaços além da sala de aula.

As meninas e meninos também receberam sugestões e orientações de explanarem sobre o trabalho para as outras turmas, professoras e professores, responsáveis e demais membros da comunidade escolar. O horário de recreio foi eleito o momento ideal pela turma para a apresentação do trabalho. Mesmo sendo um grupo pequeno de alunas e alunos que realmente explanaram sobre a atividade, foi considerada positiva a finalização, pois as

crianças argumentaram detalhadamente sobre o processo do trabalho e com criticidade quanto ao objetivo do projeto.

Considerações não tão finais

O desafio de trabalhar acervos familiares em uma Sala de Leitura, alinhadas a temática gênero e raça, exprime não uma finalização do que se construiu, desconstruiu e questionou no período das atividades, mas sim uma constante movimentação, um sair do local de conforto, um exercício de desviar o olhar, antes e sempre voltado apenas para uma direção.

Rever as práticas, refletir sobre elas, considerando histórias pessoais e familiares, que passadas de geração em geração se configuram em fontes valiosas, acervos ricos de informações que constituem fios que tecem tramas históricas mais abrangentes, revelando várias faces que, inúmeras vezes ocultas, necessitam urgência em serem expostas.

A proposta de ter como recurso pedagógico um livro de literatura infanto-juvenil cuja temática são documentos pessoais deixados por uma mulher africana que viveu no período da escravidão, resistindo a ele, por meio de relatos e de uma carta, objetivou o reconhecimento de mulheres e meninas negras como sujeitos e agentes da história, o que gerou uma maior motivação por parte principalmente das alunas, que questionaram muitos porquês dessas ausências em livros didáticos, e também em produções cinematográficas e novelísticas.

Ao exprimirem suas queixas e dúvidas, essas alunas refletiram como são também sujeitos históricos, e como conhecer e preservar memórias de família são fundamentais para imprimir suas identidades e vivências para gerações futuras.

Compreender que a história é escrita por cada uma de nós, que cada mulher e menina é construtora e transmissora de transformações sociais, políticas, culturais e ideológicas, expressa um deslocamento para outras e novas óticas de fazer e contar história. Essas mudanças estão impressas em cartas, contos, poesias, receitas, ilustrações, pinturas e tantas outras fontes, e são preciosos acervos familiares que precisam ser divulgados como peças históricas, a fim de empoderar todas as mulheres, principalmente as mulheres negras, sujeitos quando não invisíveis, marcadas por estereótipos reproduzidos constantemente, inclusive nos espaços escolares.

Nesse sentido, tomamos Monifa como um símbolo de resistência, de desconstrução aos estereótipos de gênero e raça, assim como suas descendentes retratadas no livro, bem como mote para a busca de verídicas personagens afro-brasileiras.

Então, a partir da personagem título do livro, com a culminância do projeto, foi proposto pesquisar as reais heroínas negras, como um mecanismo para o deslocamento do local de conforto de práticas e concepções. Também a sugestão de buscar outras e novas configurações de acervos históricos, tomando como ponto de partida o livro infanto-juvenil trabalhado.

Quanto ao grupo docente que participou de tal projeto, também é importante ressaltar que as professoras mediarão constantemente as atividades, sempre buscando instigar alunas e alunos em relação às suas histórias familiares, as suas ascendentes e como é importante registrar memórias e valorizar as narrativas. Contextualizar a construção de acervos familiares à antepassadas oportunizou uma reflexão sobre práticas e ações educativas, e repensar o quanto cursos de formação continuada são mecanismos para as constantes desconstruções do fazer escolar.

A partir do projeto de Leitura “Os Tesouros de Monifa”, foi proposta a continuidade de desestruturação dos olhares sob uma ótica hegemônica. Buscar e conhecer outros acervos históricos, não apenas os transmitidos por meio dos currículos tradicionais, em que estão silenciadas as memórias, narrativas e evidências de muitas personagens femininas, principalmente as mulheres negras.

Estar em constante movimento e revisão de ações docentes, aonde o aprendizado não se faz de forma unilateral, mas caminha em várias direções: constantes formações, indagações e desconstruções docentes, mediação a alunas e alunos sob o prisma da crítica, da pesquisa e da prática, trocas de experiências com demais membros da equipe pedagógica.

Nesse contexto, sob a proposição de desestabilizar tudo o que está cristalizado enquanto informações históricas, há que se considerar que Monifa faz repensar o currículo de história na busca de outros modelos de acervos, e traz à tona várias indagações sobre práticas e reflexões pedagógicas para se trabalhar o conteúdo de história, entre as quais: quem são os sujeitos esquecidos da história? Quem são as mulheres silenciadas? Que outros e desconhecidos acervos podem contribuir para a formação de um patrimônio nacional? Por que a Cultura Africana tanto influenciou e enriqueceu nossa formação?

Assim, é pertinente reiterar que tal projeto, mesmo com a culminância da exposição e apresentação oral pela turma, não representou o término de um questionamento mais amplo sobre nossa formação enquanto povo e nação.

A desestabilização de uma práxis estagnada, não movente, é objetivo para que se continue caminhando rumo ao conhecimento e busca das mais diversas e múltiplas vertentes históricas. Sendo plausível considerar, então, que o projeto finalizado, representa um ciclo de

reconfiguração do conhecimento histórico, cujas ações docentes e discentes se comprometem a percorrer outras trilhas, que apontam para as mais variadas percepções, o passo para olhar outros olhares e fazeres da história.